

Poesia
Esman Diasⁱ

Fusão

para Carmen Brito e Piedade de Sá

Santo Anjo do Senhor

TYGER, TYGER, BURNING BRIGHT
meu zeloso guardador

In the forests of the night
se a Ti me confiou

What immortal hand or eye
a piedade divina
a divina piedade
a mão, o olho imortal
que deu forma e simetria
a ti, labareda clara,

dá-me teu fogo claro e me incendeia
dá-me tua espada à noite e me defende
sempre me rege e me ilumina a alma,
meu santo anjo do Senhor, meu tigre
e minha espada, espada, espada, espada!

Graças

I

Por esta areia,
pelo rumor da chuva
e o silêncio sem nódoa

Pela faina dos meus
e, à noite, a casa,
hoje deserta,
mas que se foi em mim reduplicando.

Pelo fumo distante da planície
e o horizonte, mais vasto que a planície

Pelo rumor da chuva que se espalha,
a palavra contida e não dispersa,
o vinho turvo, o orgulho, a soberana
ironia
a espada enferrujada e o seu desuso,
eu te agradeço beleza e desperdício

e me perdôo a mim e à minha sombra
ferindo a claridade do teu dia
vão ganido de luz, fósforo no escuro,
o riso sem razão, a madrugada
e a solidão na jaula dos sentidos.

II

(A palavra estrangeira e o seu murmúrio,
essa fuligem de chaminés distantes.)

III

Eu me perdôo agora
pelo momento raro em que fui livre
e não me vi em mim. Vi-me em teu rosto.

E te perdôo, Senhor, o sopro aos quatro ventos.
E te agradeço a tarde, a praia, o mar, os búzios,
todo o esplendor que me ofertaste um dia
e a areia movediça em que me movo.

E o nada que perdi na maresia,
o nada do meu nome inominado,
o nada que retive para mim,
o nada

que ora ofereço em sacrifício ao nada
que te deixo ao partir, se me abençoas.

Perdôo-te, Senhor, se a mim perdoas.

Aluvião

para Irma Chaves

*Parlo in rime aspre, et di dolcezza ignude
Com as mesmas vinte palavras
girando ao redor do sol
que as limpa do que não é faca:
(Petrarca/João Cabral de Melo Neto)*

Falo do que não falo quando falo:
falo do meu silêncio,
bem mais claro
que as vozes incessantes dos que falam.

Falo do que não falo: do que sou:
bicho da terra — surdo — e mau cantor.

Falo do que não falo: tão pequeno
a destilar à noite o seu veneno.

Falo, não para o mundo dos sentidos:
falo somente para o inteligível.

Falo do que percebo: coisas claras
aéreas superfícies, copos d'água.

Falo na muda fala da batuta,
clara e precisa, do maestro à música.

Falo da pedra, falo da aspereza
de pedra sobre a pedra desta mesa.

Falo de mim em tudo de que falo.
Falo dos meus espelhos quando calo.

Falo como quem vai a julgamento
sem esperar o indulto de seu tempo.

Falo com a voz alheia que me toca.
Falo e regresso — ileso — à minha toca.

l' école des beaux-arts

Eu, o Pensador,
Eu, o Discóbolo,
Eu, Moisés.

Eu, exangue em teus braços, minha Mãe
A teus pés me ajoelho, Pai, Perdoa!

Eu, Quéfren na pirâmide de Gisah.
Eu, o torso desnudo, sem camisa.

Eu, Apolo em combate. Eu, o Centauro.
Eu, Dioniso, inscrito neste barro.

Eu: adriânico mármore
na beleza pagã da minha carne!

Eu, Perseu,
decepo-te, cabeça de Medusa!

Eu, o judeu David de Donatello.
Eu, o David em seu fulgor singelo

Eu, a Sibila, que não envelheceu
para rimar assim: só eu, eu, eu!

Eu, o escravo moribundo e lânguido.
Eu, o elmo do grego que me oculta
a cara de primata. Eu, da caverna.

Eu, Adão, que a mão de Deus aterra;
Eu, este tigre, que a mão de Deus abate.
Eu, comigo mesmo em singular combate.

Eu, Heathcliff, neste morro: uivante!
Eu, decadente, em minha voz menor.
Eu, no meu sangue, em todo o meu suor!

Eu, replicado. Eu, multiplicado.
Eu, disperso na brisa pelo prado.
Eu, esta besta fera solitária: o Fauno

de Mármore desta tarde. Eu, o inocente.
Eu, o incessante Eu: Eu, o desnudo
Eu dos espelhos de um museu de tudo.

Quanto espelho de mim neste museu...
Eu, para sempre. Para sempre: Eu!

Poema do Despertar

Hoje, redivivo,
compartilho a mim:
meu suor, meu sangue,
minha fé no fim;
meu sonhar meu sonho,
meu gerir meu corpo,
meu ganir descalço,
meu crescer já morto.

Tudo o que retive
dos que me guardaram
foram minhas vinhas,
meus amores raros,
minha noite insone,
minha noite imune,
minha face exangue
que a meu Deus me une.

Hoje, redivivo,
sofro nova luz:
não que me atormente
mas que me inaugura;
não que me incendeie
nem que me torture,
mas que distribua
sem que me conclua
nada em minhas veias.

Hoje, sou sem peias :
besta libertada
a trotar no verde
seu relincho claro.

II

Hoje já me sobram
naves e galeras.
O que dantes era
parte da quimera
já me sobra à porta;
pouco agora importa;
minha luta é minha.

Hoje já me vejo
com meus olhos novos
Hoje já me posso reconstituir
no suor fecundo
do que lavra a terra,
na visão que erra
sem saber errar.

III

Hoje me desperto
nesse olhar do homem,
nesse amar do homem,
no morrer do homem
Hoje, redivivo,
sou palavra e fome.

IV

Hoje não relincho
por temor ao vento :
mais do que invento,
lúcido, descubro
(hoje existo em tudo).

V

Hoje me alimento
mais da minha fome:
donde flua o homem,
nasço e me refaço
Hoje sou mais tempo
conjugado a espaço.

Pois já não me pesa
tudo o que me sofre:
hoje, sou mais forte:

tudo que circula
corpo e pensamento
revigora o tempo
de manter-me à brisa

se hoje não me pisam
com seus cascos ágeis
meus imaginários
sonhos de paisagem.

VI

Já senti o salto
sem pensar o meio.
Hoje, se receio
retornar ao muro,
sinto-me seguro.

Sinto-me maduro
para o meu comando:
seguirei uivando,
recriando estradas,

que hoje não sou nada
do que já me fora
mais que morte, amor,
mais que sombra, cor,
mais que luz, inverno:
hoje, redivivo
para sempre — eterno.

ACTA EST FABULA

para Domingos Alexandre

Morre o poeta.
Morre, com ele, toda a luz do mundo:
o espaço do seu rosto, o mar profundo,
a aurora e um pôr-do-sol escandaloso.

Morre o poeta e morre o Ocidente.
E o Oriente. E os pontos cardeais.
Morrem as estrelas. Morre o firmamento.
Morrem as sombras do pântano e o arvoredor.
Todos os santos, todos os escribas,
os dias da semana, a quarta-feira.

E o próprio tempo, imóvel, que agoniza:
foi-se o olhar que no relógio via
a marcha, alegre e triste, dos ponteiros.

Morre o poeta.
Morre a alegria.
Morre tudo que flui: morre a poesia.

Morre o poeta.
E morre o mundo inteiro.

Evocação

para Marco Polo Guimarães

O sol do Recife
de arame e silêncio
eis, se imobiliza
no seu claro ciclo.

Já não mais navega
sobre a superfície
da palavra clara:

o sol do Recife,
transparência avara,
lambe os seus tentáculos.

E suspende o assalto,
mangue sobre o mangue,
à cidade anfíbia.

Que mão esgalgada,
estilete rijo,
que tropel de trompas
recortou-lhe a fala?

Em seu vôo *in vitro*
o sol do Recife,
surdo às nossas vozes,
se desfaz em eclipse.

A Dead Letter

This is the letter I never wrote you, Dear
This is the letter I never posted, this
is the letter I never tried to scribble,
This is the letter you'll never know I wrote you.

This is a letter you'll never touch and kiss
This is a letter you'll never ever miss
This is the letter I never wrote to say
your days are blooming, mine going away

This is a letter never to be read
by other eyes than mine: you'll never know
what secrets, significance, private meanings
are to be found in here: silent verbs

and silent nouns, all the silent words
not expressed in words I never wrote you
not even in the letters of this one letter,
but in the silences, lulls, the never-ending

hiatus to be found in intervals
in between the words, in between
every two lines, in between the lines
under the breath, oh hear me in silence!

and hear my silence in this letter, unsent
or maybe found in some dead letters office
by someone, by some mysterious clerk
in sullen silence, not without a smirk

even a tear, perhaps. A letter I never wrote you
without reason or rhyme, rhyme or reason,
this letter, never sent and undelivered.

sem lei nem rei, sem forma e sem razão

Os Retratos Marinhos

(fragmento)

I

A família marinha se aninhava
à linha do horizonte à sua frente:
o avô encanecido era demente
há tanto tempo já não navegava;

o filho homem, de carão moreno,
lia livros estranhos e sonhava;
a mãe, mulher ardente em sua casa,
desperdiçava girassóis ao vento.

Havia, só, à sombra dos parentes,
o filho (que falava como ausente
e, nauta em sonho límpido, fugia);

havia a namorada: era Maria,
que por amor lhe dava displicente
à noite, em chama, o corpo adolescente.

ⁱ ESMAN DIAS nasceu no Cariri - sertão da Paraíba. Ainda criança veio com os pais para Pernambuco. Morou em Olinda até a adolescência e desde então mora no Recife. Seus primeiros poemas foram publicados no Diário de Pernambuco e no Jornal do Commercio, em 1963. Em 1964, publicou “Os Retratos Marinhos”; em 1965, com Everardo Norões e Orley Mesquita, participa da coletânea “Clave”, ilustrada pelos artistas plásticos Anchises Azevedo, João Câmara, José Cláudio e Reynaldo Fonseca. Também em 1965, em parceria com Orley Mesquita, assina a coluna “Poesia e Tempo”, no Jornal do Commercio. Com Alberto da Cunha Melo colabora na realização do documentário “Simetria Terrível”, dirigido por Fernando Monteiro. Vários de seus poemas foram traduzidos para o francês e publicados na coletânea Recife/Nantes. Participa da antologia “46 Poetas Sempre”, organizada por Almir de Castro Barros. É professor de Literatura Anglo-americana no Departamento de Letras da UFPE e foi professor visitante da Universidade de Birmingham, no Alabama e na Universidade de Illinois, em Urbana-Champaign.